



O GIRO EPISTÊMICO NA PÓS-GRADUAÇÃO: NARRATIVAS SURDAS COMO PRÁTICA DE JUSTIÇA E RESISTÊNCIA

Darleni Catarina Barbosa Lima Ribeiro de Castro | Universidade de Uberaba | darli_lima@yahoo.com.br

GT 5: Diversidade, equidade e inclusão na EaD

Resumo:

A pós-graduação *stricto sensu* brasileira, embora ampliada por políticas de cotas, mantém estruturas ancoradas na hegemonia ouvinte. Este trabalho explora, por meio de uma abordagem qualitativa de Investigação Narrativa, as tensões enfrentadas por estudantes surdos que tensionam a soberania do português acadêmico e as significações docentes capacitistas. O objetivo central é analisar as narrativas de estudantes como “discursos de resistência” que reivindicam a Libras não apenas como ferramenta de acesso, mas como fundamento de produção científica autônoma. O corpus analítico, composto por dez produções científicas (2021-2025), é interpretado à luz da Análise Temática, buscando identificar os processos de subjetivação que emergem na fronteira entre a exclusão institucional e a afirmação cultural. Os resultados apontam que a permanência substantiva exige uma reconfiguração do “bilinguismo universitário”, deslocando-o de um modelo assistencialista para uma prática de justiça epistêmica decolonial. Conclui-se que a valorização da experiência visual-espacial, aliada ao reconhecimento da produção científica em Libras, é condição *sine qua non* para transformar a pós-graduação em um espaço de pluralidade cognitiva e intelectual.

Palavras-chave: Justiça Epistêmica. Pós-graduação. Educação Bilíngue. Narrativas Surdas. Decolonialidade.

1 Introdução

A expansão do acesso de estudantes surdos à pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, embora alavancada por marcos legais e políticas de ação afirmativa, revela um cenário de profundas assimetrias. O ingresso desses sujeitos ocorre, majoritariamente, em ambientes universitários que operam sob a égide do ouvintismo, ideologia definida como o “conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte” (Skliar, 1998, p. 15). Essa estrutura colonial atua como um mecanismo de exclusão invisível, que deslegitima a Libras como fundamento legítimo de produção científica.

Nesse contexto, a universidade contemporânea frequentemente impõe aos acadêmicos surdos um processo de “metamorfose” forçada, na tentativa de enquadrá-los em padrões de normalidade que ignoram sua experiência visual-espacial. A permanência torna-se um desafio, marcado pela persistência de significações docentes que patologizam a surdez, transformando o que deveria ser uma trajetória de êxito em uma vivência de “quase não-presenças” (Silva; Sofiato, 2025, p. 4). Essa exclusão simbólica é agravada pela soberania do português acadêmico, que, ao ser exigido como critério único de competência intelectual, negligencia o direito à produção de saber em língua de sinais.



Diante desse quadro, este trabalho objetiva analisar como a literatura acadêmica contemporânea (2021-2025) representa a construção do pertencimento de estudantes surdos, discutindo o bilinguismo como uma via essencial de justiça epistêmica. Conforme apontam Santiago e Lacerda (2021, p. 112), o pós-graduando surdo atua como um “inter-agente” na cadeia produtiva do conhecimento, não sendo apenas um receptor de informações, mas um sujeito que questiona as estruturas de poder linguístico.

Dessa forma, a problemática desta investigação situa-se na tensão entre a ocupação física do espaço acadêmico e a negação da alteridade cultural surda. Questiona-se, portanto: de que maneira as narrativas acadêmicas podem sustentar um giro epistêmico que legitime a Libras como base de uma ciência sinalizada autêntica, superando o epistemicídio que invisibiliza as trajetórias de sucesso desses pesquisadores? A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender essas trajetórias como “vidas e histórias em movimento” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 665), as quais constituem, em última instância, discursos de resistência contra a hegemonia epistêmica.

2 Metodologia

Esta investigação qualitativa, bibliográfica e analítico-interpretativa ancora-se na Investigação Narrativa, abordando produções acadêmicas como “vidas e histórias em movimento” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 665). Por utilizar exclusivamente fontes de domínio público, o estudo dispensa submissão ao Comitê de Ética (Resolução CNS nº 510/2016).

O levantamento sistemático (2021-2025) nas bases SciELO, Portal de Periódicos CAPES, ERIC e Google Acadêmico utilizou descritores como à “identidade linguística surda”, “pós-graduação”, “pertencimento” e “ouvintismo”. Após filtragem por aderência ao tema, constituiu-se um *corpus* de 10 produções científicas (nove artigos e uma dissertação).

O material foi tratado via Análise Temática (Braun; Clarke, 2006), seguindo as etapas sistemáticas de identificação de padrões de sentido. Essa técnica permitiu interpretar como as estruturas acadêmicas operam na “cadeia produtiva dos sentidos” (Santiago, 2013, p. 85), validando as narrativas dos estudantes surdos como discursos de resistência.

3 Fundamentação teórica

A identidade linguística e cultural dos sujeitos surdos constrói-se na interseção entre o acesso à língua de sinais e a participação em comunidades que compartilham modos singulares



de “estar no mundo” (Strobel, 2008, p. 13). Ao afastar-se de perspectivas essencialistas, este estudo compreende a identidade como uma “celebração móvel” (Hall, 2006, p. 13), formada e transformada continuamente nas relações culturais. No contexto educacional, o modelo bilíngue (Libras como L1 e Português como L2) é consolidado como a abordagem essencial para garantir a equidade linguística, assegurando que o acesso ao conhecimento ocorra por meio da experiência visual-espacial inerente ao sujeito surdo.

Contudo, ao ingressar na pós-graduação, essa identidade é tensionada pelo ouvintismo, ideologia que, ao impor a hegemonia da narrativa ouvinte, transforma diferenças linguísticas em desigualdades estruturais. Tal dinâmica fomenta a violência simbólica, conceito que Bourdieu (2002, p. 7) descreve como uma violência “insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação”.

Para a pós-graduação, isso significa que a presença física do estudante surdo não garante, por si só, o pertencimento. Superar esse cenário exige uma descolonização das práticas epistemológicas, capaz de enfrentar o epistemicídio que deslegitima saberes surdos (Rezende, 2022). A justiça epistêmica, neste estudo, é compreendida como a validação da experiência visual como potência, garantindo que o sujeito surdo não seja apenas um ocupante do espaço, mas um produtor legítimo de saber acadêmico. As tensões entre as estruturas vigentes e as transformações propostas por este estudo encontram-se sintetizadas na Figura 1:

4 Resultados e discussão

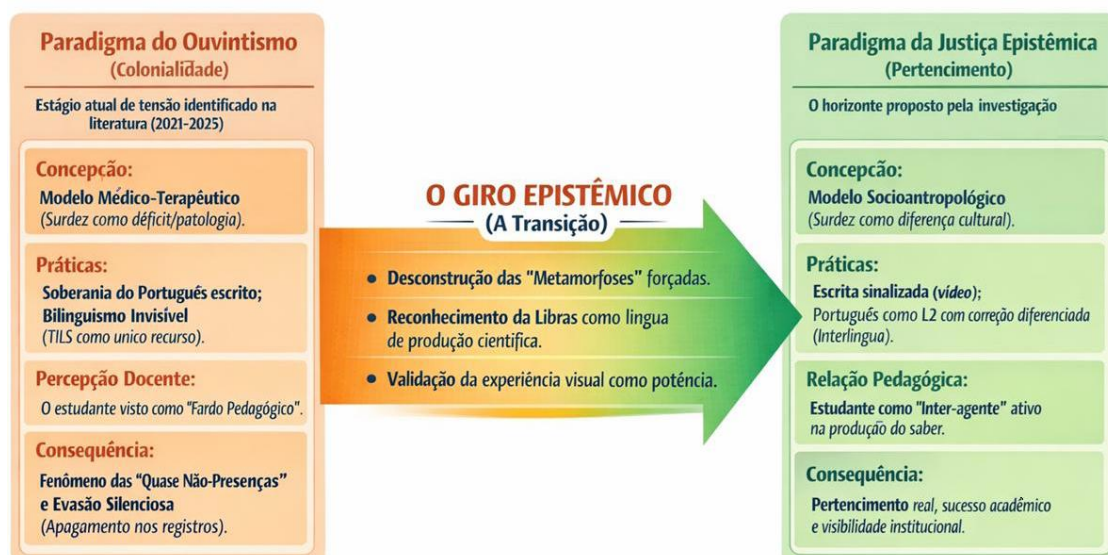
A análise do corpus revela que a inclusão no *stricto sensu* é um território de disputas por significação. O fenômeno das “quase não-presenças” (Silva; Sofiato, 2025, p. 4) evidencia que a matrícula não se traduz em participação efetiva, sendo mitigada por significações docentes que, ancoradas em um modelo médico, frequentemente veem o aluno surdo como um “fardo pedagógico” (*Ibid.*, p. 71). Essa patologização, aliada à falta de fluência de alguns Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) em disciplinas técnicas, gera o que Campello, Grasse e Andrade (2022) definem como um “bilinguismo invisível”, no qual a comunicação acadêmica torna-se superficial e excludente.

Em oposição a esse cenário, os resultados indicam que o sucesso acadêmico é possível quando as instituições priorizam a Libras como língua de instrução (Darde; Santana, 2021). A superação do epistemicídio exige um giro epistêmico que reconheça a Libras não apenas como recurso de acessibilidade, mas como fundamento de uma ciência sinalizada legítima. O pós-graduando, ao atuar como um “inter-agente” (Santiago; Lacerda, 2021, p. 112), desafia a



soberania do português escrito e demanda novas formas de avaliação que validem a “experiência visual como potência” (Silva; Maia; Pedroza, 2024, p. 1). Portanto, a permanência real depende da transformação do ambiente acadêmico em um espaço de justiça epistêmica, onde a alteridade cultural surda é reconhecida como base para a produção de um conhecimento genuinamente plural.

Figura 1 – Síntese das tensões e transição para o Giro Epistêmico na Pós-Graduação
O Giro Epistêmico Decolonial



Fonte: Produzida pela autora (2026).

5. Considerações finais

A presente investigação permitiu analisar como a literatura acadêmica contemporânea (2021-2025) representa a construção identitária e os obstáculos ao pertencimento cultural de estudantes surdos no nível *stricto sensu* brasileiro. A análise evidencia um profundo hiato entre a garantia legal de acesso e a inclusão efetiva. Embora a identidade surda seja caracterizada como uma “celebração móvel” e um exercício de decolonialidade, essa construção é frequentemente enfraquecida por barreiras estruturais que perpetuam a exclusão simbólica e a invisibilidade de trajetórias de êxito.

Para garantir a justiça epistêmica, a investigação aponta a necessidade urgente de reformulação das práticas institucionais, indo além da presença do intérprete. É imperativo fomentar programas de formação docente baseados no paradigma socioantropológico e reconhecer a Libras como língua legítima de produção científica, inclusive em avaliações e na escrita de teses e dissertações. Conclui-se que a superação da “evasão silenciosa” depende de



um giro epistêmico decolonial que desloque a surdez do campo da patologia para a potência de conhecimento, assegurando ao surdo o direito de ser reconhecido como sujeito autônomo em sua própria língua.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CAMPELLO, A. R. e S.; GRASSE, R. D.; ANDRADE, B. L'A. de. Ponto de vista das alunas surdas na perspectiva bilíngue em construção: pós-graduação lato sensu do departamento de ensino superior do INES. **Communitas**, Rio Branco, v. 6, n. 13, p. 319-332, 2022.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DARDE, A. O. G.; SANTANA, A. P. de O. Letramento de surdos universitários no Brasil: o bilinguismo em questão. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 2, p. 761-782, 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

REZENDE, P. L. Apresentação pública de Pós-Doutorado: epistemicídio nas políticas públicas em educação de surdos. [Vídeo]. **YouTube**, 2022.

SANTIAGO, V. de A. A. **Atuação de intérpretes de língua de sinais na pós-graduação lato sensu: estratégias adotadas no processo dialógico**. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – UFSCar, São Carlos, 2013.

SANTIAGO, V. de A. A.; LACERDA, C. B. F. de. O Intérprete de Libras no Contexto da Pós-Graduação: um olhar para o gênero do discurso. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 41, n. esp. 2, p. 107-127, 2021.

SILVA, F. J. P.; SOFIATO, C. G. Os Surdos no Ensino Superior Brasileiro: um decalque cartográfico parcial das significações docentes sobre suas quase não-presenças. **Maiêutica - Inclusiva**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2025.

SILVA, S. A. dos S.; MAIA, H. J. S.; PEDROZA, R. L. S. História da educação de surdos: uma decolonialidade possível contra a colonialidade de poder linguístico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 30, p. e0156, 2024.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. L. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Tese (Doutorado em Educação) – UFSC, Florianópolis, 2008.